



UM TOQUE INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO

Ana Maria Ramos Sanchez VARELLA¹

“Na verdade, o homem esqueceu-se de criar ou recusou as significações que deveriam sustentar o edifício da técnica. É indispensável retomar essas significações e recriar os valores essenciais à sobrevivência do homem enquanto homem” Crippa, Adolpho (in Gusdorf, 1976, p.14).

Retomar significações importantes à sobrevivência humana é um dos aspectos fundamentais quando se pensa em Educação. Quais seriam elas, que métodos utilizar, que estratégias desenvolver?

Pensando nessas questões não poderia deixar de mencionar Japiassu, que nos deixou neste ano, mas seus escritos podem ser reverenciados. Em (2005, p.183) o autor acreditava que nenhum cientista humano poderia renunciar ao exercício do pensamento, pois enquanto “velhos paradigmas se eclipsam, outros se tornam centrais”. O que se buscava era a construção de uma disciplina adisciplinar. Ele estava bastante preocupado com os novos paradigmas para as Ciências Humanas, que têm a função de ajudar os homens em suas decisões de ordem política, administrativa, terapêutica ou pedagógica. A reflexão surgiu com a exigência de uma epistemologia que não aceita que os “cientistas saibam sem saber que sabem e o que sabem” (2005, p.185), ou seja, não basta saber, a avaliação desse saber é o que importa. O autor ainda nos advertiu ser fundamental conhecer o sentido do agir humano em todas as suas dimensões.

Uma proposta para a modificação dos paradigmas educacionais é pensar em ações interdisciplinares. Com elas, a autoridade é conquistada, não há lugar para insatisfação ou arrogância. As palavras de ordem são humildade, cooperação, produção do conhecimento. Alunos e educador tornam-se parceiros das ações exercidas.

A primeira evidência de um trabalho interdisciplinar de acordo com Fazenda (2001) “é o respeito ao modo de ser de cada um, ao caminho que cada um empreende em busca de sua autonomia, é um encontro entre indivíduos”.

¹ Pós-doutora do Programa de Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica, linha de pesquisa Interdisciplinaridade. Doutora do Programa de Educação: Currículo. Mestra em Gerontologia, Psicopedagoga e Licenciada em Letras. Autora das obras: *Encontros e desencontros, nada é por acaso! A Comunicação Interdisciplinar na Educação; Envelhecer com desenvolvimento pessoal e Quinta série, um bicho de sete cabeças?*



Uma atitude interdisciplinar é identificada pela ousadia da busca, da pesquisa, da transformação. Por isso é importante que isso ocorra também na Universidade, pois propicia aos alunos pesquisadores a oportunidade de revelarem suas potencialidades e competências. Quando se realiza um projeto interdisciplinar há a necessidade de que as pessoas nele envolvidas sintam o desejo de fazer parte dele. Fazenda (2001) nos alerta de que a Interdisciplinaridade é essencialmente um processo que precisa ser vivido e exercido com prazer.

Se a Interdisciplinaridade é ação, quando os alunos atingem os objetivos propostos são levados ao caminho do pensar, questionar e construir. A liberdade do ser individual é exercida, respeitada em todas as suas potencialidades.

O educador não pode viver apenas da teoria, ele necessita dela para ser uma sustentação de suas reflexões, é a prática reflexiva. De nada adianta ficar apenas em discussões teóricas, discursos vazios e evasivos.

Fazenda ², precursora dos estudos da Interdisciplinaridade ³ no Brasil tem mencionado, em suas palestras, a necessidade de um pequeno toque para que os

² Ivani Catarina Fazenda: Doutora em Antropologia Cultural e Mestre em Filosofia da Educação. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade-GEPI.

³ **Década de 60** – é o marco dos estudos sobre a interdisciplinaridade. Fazenda relata seu surgimento entre teólogos e fenomenólogos no caminho de sentidos mais humanos para a educação e baseiam-se numa antropologia filosófica. Os estudos sobre interdisciplinaridade nascem com a intenção de compreender o humano não apenas em sua racionalidade, mas num todo. Buber, Delanglade, Bujtendijk foram os influenciadores desse novo pensar. Ela cita também a importância de Freire, Wittgenstein, Carnap e os neopositivistas que racionalizaram a linguagem e Dilthey, Ricoeur, Gadamer que criaram a hermenêutica e recuperaram o sentido do ser.

Década de 80, passa de uma antropologia filosófica a cultural. No mundo, espalham-se estudos de identidade pessoal, social e cultural e, no Brasil, Darcy Ribeiro e Otávio Ianni buscam sentido de uma cultura brasileira. Paulo Freire continua seus estudos que também caminham para esse sentido. Gramsci e Max revelam o sentido da história, compreensão da Dialética, como princípio e método. Piaget e Vigotsky orientam o construtivismo, a palavra constrói e é construída. Os fenomenólogos apresentam a subjetividade e são isolados por alguns intelectuais radicais. Fazenda esclarece que o exarcebamento das questões sociais conduz à busca de uma filosofia da história e surge Goethe que realiza a volta ao subjetivo. Gusdorf também contribuiu com seus estudos. Sobre a historicidade pessoal, a autora destaca os autores Dominicê, Pineau, Nóvoa que revolucionaram o conceito de aprender proposto por Piaget. Ela cita Shon como a grande revolução na formação de educadores. A interdisciplinaridade, segundo Fazenda, “permanece fiel ao gosto pelo estudo da palavra”. Surge o questionamento sobre o conceito de currículo, em função das diferentes modalidades de disciplina, científica e escolar. Surge Morin e outros autores com o pensamento complexo, o pósmoderno com Lyotard. O conceito de ciência entra em crise, busca-se nela o sentido humano. A palavra entra com sua força total, descrevendo cada detalhe da pesquisa. Há o avanço da hermenêutica, pois para compreender deve-se seguir o caminho traçado. A pesquisa qualitativa recebe um olhar de importância. As categorias assumem uma dimensão mais noética que poética.

Os anos 90 – exploração tímida da subjetividade. Foucault dissecou seu poder, Guattari e Delleuze definem territórios. Ricoeur valoriza a fenomenologia. Estuda-se o subjetivo, mas faltam instrumentos que permitam a personificação e potencialização do pensamento. Maturana e Varela estudam o ser a partir de sua natureza biológica. Morin, Dussele, Freire ensaiam a ética do existir. Ricoeur apresenta símbolos e metáforas. A



pesquisadores desabrochem. O que seria esse toque que incomoda, desacomoda, faz pensar, estimula? Esse toque é a palavra, o exemplo na hora certa para quem o escuta. São os elementos utilizados pelos autores como falas nas entrelinhas. Os que estão preparados os captam e aproveitam para seu crescimento e desenvolvimento. Kock (2003, p. 62) acrescenta não haver textos escritos ou orais totalmente explícitos e que o texto se constitui de um conjunto de pistas destinadas a orientar o leitor na construção do sentido. Para realizar tal construção, ele terá de preencher lacunas, formular hipóteses, testá-las, encontrar alternativas em caso de desencontros entre o dito e não dito. Para a autora, os objetos do discurso são dinâmicos, pois podem ser modificados, desativados, transformados, recategorizados. Na construção do sentido há um constante movimento em variadas direções. A compreensão não se dá de maneira linear e sequencial. Por esse motivo, ela afirma que todo texto é um hipertexto⁴.

Goswami⁵ (1998, p.16) afirma que em nossa cultura, embora os avanços sejam enormes, muitas pessoas estão desiludidas com elas mesmas. Segundo ele, há falta de toque humano, isso é o que se espera de um agente educador, o qual pode estar em diferentes áreas do conhecimento, em diferentes profissões.

A vida hoje é um convite ao movimento, nosso tempo é o da informação com rapidez... Os educadores procuram, com diferentes recursos, deixar suas marcas, tentando em seus discursos, também a distância, diferenciar informação de conhecimento. O que é interessante é que os que procuram cursos on line desejam fazer esse movimento que foge do diálogo tradicional.

A comunicação hoje possui patamares de troca totalmente diferenciados. Cada um, fala de si para si, poucos são os que querem ouvir, prestar atenção no outro. Por esse motivo,

psicologia começa a voltar timidamente para a educação. A releitura de Vigotsky, Freud e Jung levam-nos à antropologia do sujeito. A necessidade da interiorização que propicie a exteriorização. “Caminha-se da leitura do eu, para a leitura do nós, as histórias de vida adquirem importância como suporte e não como caminho”, afirma Fazenda.

Ano 2000 – destaques diferentes, Fazenda (2003b, p. 7) chama nossa atenção para “*a estética do existir, a beleza do ser que pense reflète, esse ser que interfere e modifica. A palavra é soberana, mas a Interdisciplinaridade coloca-a entre parênteses, investigando, tentando compreendê-la em sua ambiguidade, naquilo que diz e naquilo que cala. Tenta ouvir o silêncio. Tenta estabelecer as sinapses fragmentadas. Tenta ousar, criar*”.

⁴ Hipertexto: segundo Koch (2003, p. 63), é um suporte linguístico-semiótico utilizado para estabelecer escritura não sequencial e não linear que se ramifica.

⁵ Amit Goswami: Físico quântico. Para ele a aplicação da nova ciência, baseada na primazia da consciência, integrará a ciência convencional, a espiritualidade e a cura.



as redes de bate-papos formam canais de felicidade temporária. As pessoas se expressam, mas ao desligar o computador continuam sozinhas, falando consigo mesmas. O que permanece é a sensação de ter participado de mundos totalmente diferentes, até mesmo harmoniosos e de uma satisfação que permanece enquanto acontece a comunicação. Isso não é diferente do que ocorre em palestras a distância nos polos específicos. As pessoas se reúnem para um dia diferente, um encontro com alguém que lhes levará algum tema diferenciado. Para alguns será mais uma oportunidade de exercitar esse sentimento de estar presente com. Os que aproveitam para se desenvolver seguem adiante em suas pesquisas, em seus questionamentos. Caso contrário, assim que o computador é desligado, percebem que se deixaram levar por momentâneas informações, que se procuradas em seu cérebro, já não existem mais.

Por outro lado, os mais jovens, embora se comuniquem laconicamente, em códigos, linguagem entrecortada, conversam e escrevem muito, porém tudo muito passageiro, sem constância, sem registros. Ao se sentirem sós, percebem o vazio que se instaura em suas mentes. Muitos não conseguem ficar nesse estado e o computador funciona como um “vício”, um momento de harmonia fantasiosa.

Alguns educadores precisariam rever seus procedimentos, consideram-se brilhantes, imaginando levar excessivo conhecimento a quem os escuta, pura utopia, que ilusão para quem ouve e para quem fala.

O conhecimento requer movimentos profundos de boa vontade e exercício do pensamento para acionar a vontade do querer mais. É um botão interno e depois de adquirido não se perde, não se distribui.

Qualquer profissional tem a oportunidade de incentivar os que estão ao seu redor para ir atrás do querer saber mais a respeito do que lhe interessa verdadeiramente. A vontade conta muito nesse processo.

Não há regras, mas minha experiência como educadora, foi me mostrando a necessidade de ir além de livros, além do que aprendi. A cada nova oportunidade presencial ou não, preciso me rever, preciso acionar a vontade de estar, fazer e ser. Perceber, acima de tudo, que o que falarei ou farei ali, será o grande movimento para meu aprendizado. Eles farão parte dessa minha proposta e abraçarão também o movimento para atuarem e se integrarem com suas perspectivas. Abro meus canais de entendimento e me entrego para deixar fluir o que está em desarmonia, em desacordo. Não temo perder tempo, não dispenso o assunto que é gerado, nesse momento estar na tela é complicado, porque as aulas precisam



ser previamente preparadas e não há troca simultânea, é como se tivessem de engolir o que supostamente preparei para eles. A maior facilidade, entretanto é poder acessar a colagem do material, que apenas servirá para o direcionamento da informação. Ainda valorizo a troca de olhares, a troca de reflexões, os encaminhamentos que surgem. Para o professor, educar a distância, evita a desarmonia da indisciplina, do desrespeito.

Ainda prefiro o valor de aproveitar uma palavra, um gesto, uma indisposição, um comentário, encontros, geração de vida, de potencialidades, o repensar no próprio desenvolvimento pessoal.

Apresento-me como Professora especialista na área da linguagem e comunicação e se tenho permanecido feliz e motivada em sala de aula, foi por não ter me deixado paralisar ou permanecer infeliz. Tenho procurado ativar em meus alunos a paixão por aquilo que escrevem. Até o resgate da própria letra é o caminho da própria identificação, resgate de si mesmos.

Será possível conseguir esse processo a distância?

O valor da palavra, segundo Fazenda, é a grande marca da época, perceber sua articulação, cuidado no dizer e a necessidade do ouvir, seu sentido pronunciado como forma de metamorfose, de regeneração.

Em que medida a linguagem escrita permite criar vínculos consigo e com o leitor? Esse elo melhor se concretiza nas narrativas, nas histórias de vida?

Na escrita podemos ser o que desejamos ser, viver em mundos que gostaríamos, viajar para qualquer lugar e esquecer-se de tudo o que nos rodeia, para viver outras emoções. Na linguagem escrita, principalmente nas narrativas, as personagens podem compor o discurso real do próprio autor. Para Benveniste, o universo das palavras permite que o sujeito represente a si mesmo, quem fala de si mesmo instala o outro nele e capta a si mesmo.

Na linguagem escrita temos a oportunidade de soltar nossa imaginação, desbloquearmos o que há de mais profundo em nosso ser e pode ser libertador. É a maior oportunidade de deslocamento que pode haver. Escrever livremente, sem amarras, sem bloqueios, depois reler, reler, entender, analisar, refletir. Conseguimos olhar para nossas histórias e compreendermos o quanto precisamos nos resgatar, nos melhorar, nos aperfeiçoar, o quanto somos importantes nesse contexto.

O preceito délfico “Conhece-te a ti mesmo” é um princípio fundamental desse encontro: escrita-escritor. Talvez seja pertinente questionar, neste momento, a relação existente entre o encontro proporcionado pela linguagem, pois a narrativa permite o



encontro dos seres em todos seus aspectos históricos. Como seres essencialmente narrativos, os homens somente conseguem seu autoconhecimento e participação com o outro na livre expressão de suas histórias. Alguns estudiosos em literatura filosófica e psicológica já haviam mencionado a relação de corpo e mente como uma unidade de encontro.

Essa é a linha tênue entre o “estar presente” ou “estar a distância”. Na sala de aula, o profissional deve encontrar o melhor caminho para envolver o outro, para que ele possa compreender a si mesmo. Ali há muitas armadilhas e convivemos na vida com elas também, o que diferenciara o comportamento de cada um é como se veem diante deles mesmos. A superação de um professor aos problemas críticos passará pelo seu processo de vida, como ele está naquele momento perante seus problemas íntimos.

Se o vínculo for profundo com o trabalho, este ajudará a superação interior, familiar, de cunho pessoal. Por isso a importância de se ligar a vínculos diferentes, eles serão sem dúvida a mola propulsora de superação aos obstáculos.

Na Interdisciplinaridade o pesquisador, enquanto não explode seus sentimentos mais intimistas, não consegue desabrochar, porque primeiramente há a necessidade de seu autoconhecimento para que depois de reconhecido ele possa finalmente enxergar e analisar-se como um ser por inteiro. Goswami (2010, p.110) acrescenta que quando nos sentimos inspirados a colocar a criatividade no centro de nossa vida e sincronizá-la com o movimento vital, com o movimento evolucionário da consciência, estamos prontos para tornar uma só coisa interior e exterior, masculino e feminino.

Durante a vida de um educador muitas experiências são realizadas e vividas. Ações vitoriosas, fracassadas, outras ainda que passam totalmente despercebidas por quem vive ou assiste a esse processo. Presencialmente ou a distância o que se constrói é o ser, o ser que fala, o que ouve, o que se manifesta, o que se movimenta, o que se transforma. Não importa onde estejamos, dentro ou fora da tela, precisamos estar encaixados no processo mais importante, mais regenerativo, o de poder cuidar da palavra, do gesto, do sentimento, externando e explorando as diferentes possibilidades de comunicação.

Precisamos mais do que boa vontade na educação. Orientação, exemplos, gentilezas, poderão ser elementos transformadores em nossa sociedade tão carente de um remédio que realmente faça efeito.

É difícil superar a rapidez imposta pela comunicação digital, mas se as temáticas apresentadas aos alunos permitem que opinem, se identifiquem, encontrem sentidos e valores, o processo e os resultados serão profundamente transformadores.



Há a necessidade do desprendimento do professor em vê-los se desenvolver nesse processo de interiorização, autoconhecimento e desenvolvimento da linguagem. Estimular o aluno, esse é o caminho, mas como traçá-lo, se o próprio professor está desestimulado? Sem paixão? Sem desejo?

Disciplinas, cursos, palestras a distância são apenas oportunidades de criar estratégias para o desenvolvimento do processo educativo e a criatividade é uma das formas de abertura de consciência e sentidos. Caberá ao profissional fazer o melhor uso dessa ferramenta. Os estudos interdisciplinares podem ser um fio condutor de buscas, descobertas, crescimento e desenvolvimento. A Interdisciplinaridade poderá ser a chave para abrir os segredos mais profundos para o desenvolvimento de potencialidades?

REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani Catarina. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas, Papirus, 2001.

_____. **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas, Papirus, 2003.

JAPIASSU, Hilton. **O eclipse das ciências humanas e a crise da psicanálise**. São Paulo, Letras e Letras, 2005.

VARELLA, Ana Maria R.S. **A comunicação Interdisciplinar na Educação**. Escuta, 2003.